



MATERIAL BÉLICO: QUADRO, SERVIÇO OU ARMA?

Jorge Cardoso Nogueira

*Major de Infantaria, exerce atualmente a função de Instrutor-
Chefe do Curso de Material Bélico da EsAO.*

INTRODUÇÃO

Em nosso Exército, o MATERIAL BÉLICO, entendido este como uma subdivisão da Força Terrestre segundo uma especialização, tomou corpo e alma quando da criação do Curso de Material Bélico na Academia Militar das Agulhas Negras, em 1959. Concretizava-se, assim, a decisão de formar um corpo de oficiais e de estabelecer uma nova filosofia de apoio que, embora guardando a motivação que a originou, parece-nos que somente com a nova reestruturação preconizada na atual Lei do Ensino Militar alcançou a plenitude de sua conceituação, isto é, formar oficiais voltados para o trato com o material bélico destinado a equipar as demais Armas e Serviços, bem como a apoiar, operacionalmente, as forças destinadas ao combate.

Entretanto, se assim ocorre na área das estruturas organizacionais, o mesmo não acontece na Sociológica, pois aos homens que escolheram o Material Bélico como filosofia da vida na carreira das armas, particularmente àqueles que ultimamente optaram pela chamada "linha bélica", ainda não lhes foi dado o devido suporte psicossociológico, tão necessário como motivação, pela indefinição de seu "status militar", que se torna difuso na palavra "QUADRO".

De forma semelhante, a falta de uma compreensão correta do que realmente seja o Material Bélico tem gerado conceitos errôneos de sua verdadeira missão, criando impasses quanto ao estabelecimento de uma doutrina de emprego.

Aproveitando a oportunidade que nos foi dada no Simpósio sobre o Emprego das Armas de Apoio, realizado em junho de 1978 na ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO e do qual participamos como observado-

res, submetemos, aos Grupos de Trabalho então formados, uma série de idéias que ora achamos interessante difundir, na esperança de obtermos novos subsídios.

As idéias e conceitos aqui ventilados, acreditamos, representam as aspirações dos oficiais do atual Quadro de Material Bélico.

Como não podia deixar de ser, para a elaboração deste trabalho valemo-nos não só da nossa experiência como da vivência dos que nos precederam e que, através de relatórios, sínteses e propostas nos legaram um acervo de conhecimentos ponderáveis. A eles, de antemão, os nossos agradecimentos e a gratidão dos oficiais, de Material Bélico.

Em nosso trabalho trataremos de três problemas que achamos básicos: inicialmente, o da definição do que seja Material Bélico como força terrestre, segundo os enfoques doutrinário e psicossociológico. Em seguida procuraremos estabelecer os aspectos gerais de emprego do Material Bélico em busca de uma doutrina e, finalmente, concluiremos com sugestões no campo da doutrina e seus reflexos no ensino.

O PROBLEMA DA DEFINIÇÃO

O Enfoque Doutrinário

A guerra, na acepção de conflito armado entre oponentes ou coligação de oponentes, tem, na batalha, o seu epítome e no combate o seu ato supremo. O combate, que é uma ação que comporta um contato hostil e direto entre adversários, é conduzido por homens e máquinas com a finalidade de destruição do inimigo e a imposição da vontade do vencedor sobre o vencido.

Nada mais justo, pois, do que dar-se o nome de combatente aos militares que empreendem o combate e, por extensão, às forças ou organizações às quais eles pertencem. A eles, normalmente, também cabem as glórias das vitórias e as suas organizações são chamadas de Arma.

Entretanto, mesmo aquelas forças (organizações) que executam o combate em toda sua extensão necessitam do apoio de outros elementos para que possam se desincumbir de suas missões. Surgem, assim, outros elementos ou forças chamadas de apoio, que conforme a ajuda, proteção ou complementação que prestam aos combatentes, recebem denominações que especificam o apoio prestado: apoio ao combate ou administrativo. Aos primeiros é estendido o conceito de Arma; aos demais o de Serviço.

Agora levantamos a seguinte questão: O Material Bélico é Quadro, Arma ou Serviço? Para responder a esta pergunta vamos analisar as missões de MB através de conceitos e fatores que enfoquem os aspectos doutrinários e psicossociológicos do problema. Vejamos pois as conceituações de Arma e Serviços, através de uma análise rápida de suas características, como expressas em nossos manuais.

São denominadas Armas básicas, as organizações militares que tomam o contato direto com o inimigo e realizam o combate em toda a sua plenitude, pelo emprego do fogo, do movimento e da ação de choque, em maior ou menor intensidade, conforme as características de cada uma. A Infantaria e a Cavalaria, ambas em todos os seus tipos e naturezas, são consideradas Armas básicas.

Em decorrência de suas próprias características de atuação, as armas básicas, sofrem, entretanto, certas limitações quanto a *potência de fogo, facilidade de movimento, exercício do comando e operacionalidade*, as quais devem ser supridas por outras Armas, por isso mesmo, chamadas de apoio. Atualmente o nosso Exército considera como Armas de Apoio, a Artilharia, a Engenharia e as Comunicações, que suplementam as Armas básicas, respectivamente quanto às necessidades de apoio de fogo, ao movimento e às ligações indispensáveis ao exercício do comando. Não trataremos, no momento, do problema de *operacionalidade*. Por outro lado, o conceito de Serviço está intimamente ligado ao de "apoio administrativo", isto é, "o conjunto das atividades nos campos do pessoal, dos assuntos civís e da logística, que visam a proporcionar os recursos e serviços necessários às organizações e forças militares, quaisquer que sejam as situações em que as mesmas possam encontrar-se".

Um serviço, por sua vez, "é um conjunto organizado de *atividades correlatas* dentro de cada *campo* constitutivo do apoio administrativo". As organizações que atuam nesses campos são, por extensão, denominadas de "Serviço", e os seus elementos considerados não combatentes na plenitude da acepção da palavra.

Estendendo-se mais ainda o conceito, vamos verificar que cada campo é ramificado, segundo suas atividades em outros Serviços, cada um tomando, em princípio, a nomenclatura da atividade que desempenha. Dizemos "em princípio", tendo em vista que alguns Serviços, por congregarem atividades de mais de um campo, ou por questão de tradição ou costume, tomam uma denominação diferente. Caso típico do que dissemos anteriormente é o Serviço de Intendência, que atua nos campos da logística e do pessoal (Finanças, por exemplo).

Um outro conceito ainda se faz necessário. É o de Serviço Técnico, que é definido como a "organização de prestação de serviços, através de atividades logísticas".

Finalmente, algumas das Armas chamadas de apoio ao combate desempenham, também, atividades logísticas, tais como a Engenharia (Construção, suprimento de água e cartas, etc.) e as Comunicações (suprimento e manutenção do material elétrico e eletrônico próprio e de outros elementos, no caso das organizações orgânicas de Exército de Campanha, e a operação do Serviço Rádio do Exército).

Vemos assim que, eliminando-se as Armas Básicas, que têm uma característica própria e única, a de realizarem o combate através do fogo, do movimento e da ação de choque, as Armas de Apoio ao Combate e os Serviços atuam em áreas ou campos superpostos, particularmente no campo da logística. Dessa maneira, temos um Serviço de Comunicações e de Engenharia com missões semelhantes ao de Material Bélico.

Poderíamos, entretanto, caracterizar as Armas de Apoio ao Combate pela predominância do ato ou efeito de "ajuda operacional" fornecida a elementos ou forças de combate, tomando-se a palavra "operacional" como "um termo genérico normalmente empregado para caracterizar a relação com a operação ou a ela pertencente (EMFA).

Vistos os conceitos até aqui expressos, achamos poder retornar à idéia inicial deste tópico, isto é, como definir o Material Bélico em termos de força terrestre e ao mesmo tempo tentar, pelo menos, justificar a expressão "apoiar operacionalmente as forças combatentes" colocada no início do trabalho, uma vez que a mesma poderá ter causado espécie a alguns dos nossos leitores. Vamos a isto.

A mobilidade e a potência de fogo de um exército sintetizam uma grande variedade de material bélico em diferentes quantidades e tipos. Esse material, disperso em todo o TO, representa parcela ponderável do poder de combate de uma força, vale dizer, de sua operacionalidade, atualmente posta em "cheque" pela ampla mortalidade do campo de batalha, pelo menos no que tange aos itens de material bélico. Que o digam os estudiosos das últimas guerras no Oriente Médio. Para evitar que o material danificado permaneça fora de combate por tempo excessivamente longo, o apoio de MATERIAL BÉLICO se faz, atualmente, o mais rápido e à frente possível, chegando, não raras vezes, junto à linha de contato, onde atuam os elementos do segundo e terceiro escalões de manutenção. A finalidade deste apoio cerrado é fazer com que a tropa combatente não se prive, por um tempo demasiado, dos meios que lhe permitam deslocamentos táticos, isto é, manobrar. Mas a manobra não é só o movimento. É, também, a capacidade de realizar o fogo em todas as suas formas. Desse modo, os veículos de combate, a artilharia e toda a gama de material bélico existente numa força devem ser submetidos a manutenção e supridos próximos ao limite anterior da Zona de Combate. Cabe ao Material Bélico, portanto, a missão de realizar as atividades de suprimento, manutenção e evacuação do material da tropa apoiada, a fim de "facilitar o esforço ofensivo e ampliar a potência defensiva das forças em campanha", não só por lhes possibilitar a necessária mobilidade como também por manter a potência de fogo no nível desejado.

Para completar a missão do Material Bélico no quadro da logística acrescentaríamos, ainda, as operações relacionadas com as atividades de suprimento e manutenção do Sistema Interzonal de Combustíveis, Óleos e Lubrificantes e o de Munições. Desnecessário será dizer que os trabalhos de MATERIAL BÉLICO realizados dentro deste tipo de missão são de caráter técnico, exigindo conhecimentos de diversos campos, particularmente os das técnicas de administração e de engenharia operacional.

Mas as missões do MATERIAL BÉLICO não se esgotam nas atividades vistas acima que, diga-se de passagem, são as mais conhecidas e normalmente consideradas como únicas.

Como missões de MATERIAL BÉLICO diretamente ligadas ao apoio ao combate, salientamos as de Guerra Química, Remoção de Granadas e Bombas (RGB) e Informações Técnicas.

As missões de Guerra Química englobam o emprego tático de grandes cortinas de fumaça protetoras e de agentes Químicos, Bacteriológicos e Radiológicos. A primeira das missões diz respeito ao emprego em campanha de equipamentos geradores de fumaça com a finalidade de dificultar a observação inimiga e ocultar as atividades amigas. A segunda destina-se a produzir baixas entre o pessoal inimigo. Naturalmente, estas missões fazem parte do esquema de manobra do escalão apoiado.

O mesmo acontece com as operações RGB, as quais se destinam a apoiar a manobra limpando o campo de batalha de artefatos explosivos de retardo, ou, ao contrário, interditando-o. Esta missão tem nítida ligação com os conceitos de mobilidade e liberdade de ação no campo de batalha, e difere da missão da Engenharia já que os engenhos empregados não se tratam, necessariamente, de minas terrestres e tampouco são utilizados como campos de minas. Salientamos o valor das operações de RGB no campo da guerra psicológica.

Com o advento da guerra nuclear, as missões acima não só serão passíveis de ampliação, mas deverão, inclusive, englobar as de montagem e preparo de engenhos nucleares e de mísseis por exigirem conhecimentos técnicos e especializados no trato com a munição. Quanto aos nucleares, a missão comportaria, ainda, o emprego tático de artefatos pré-colocados. À exceção das operações RGB, de certo modo ainda desconhecidas em nosso Exército, as demais são classificadas como de apoio ao combate pelas IP 100-5 — OPERAÇÕES.

As Informações Técnicas, a exemplo das Informações de Combate, também são conceituadas pelos nossos manuais como missão de apoio ao combate, e dizem respeito ao desenvolvimento tecnológico e à eficiência do material estrangeiro suscetível de emprego militar atual ou eventual. Auxiliam, portanto, o comandante tático e seu estado-maior, ao responder a reclamos operacionais sob o ponto de vista de informações técnicas.

A apresentação, ainda que sumária, das missões acima nos parece justificar a palavra "operacional" colocada anteriormente.

Quanto às missões de combate, o Material Bélico, como as Armas de Apoio ao Combate e os Serviços, também as executa na defesa de seus locais de trabalho, na sua própria proteção nas marchas e nos estacionamentos podendo, em situação de crise, atuar como tropa de Infantaria.

Ressaltamos, entretanto, duas missões; a de fornecer elementos especializados para missões do tipo "Comandos" (operações especiais) e as de Proteção de Área de Retaguarda (PAR).

O cumprimento da primeira missão é facilitado devido à existência de especialistas nos diversos ramos do Material Bélico, particularmente nas missões de busca de informes técnicos e nas de RGB, o que não exclui o seu emprego de outras

missões, tais como as de treinamento de guerrilheiros, destruição de meios de MB inimigo (instalações, material, etc.).

Nas ações de PAR, é normal o emprego de meios de Material Bélico nas ações Segurança da Área de Retaguarda (SEGAR) e Controle de Danos (CD), não só fornecendo os Comandos para tais ações como também atuando com elementos na defesa de subáreas, realizando patrulhas e, eventualmente, fornecendo tropas para as Forças de SEGUR. Tal conceito aplica-se, como não podia deixar de ser, às áreas mais avançadas da ZC (A Rg de Bda e DE) onde não só as atualmente chamadas Cia Mnt como os B Log são, também, e por QO aprovados, comandos de oficial de Material Bélico (QO 29-220-1-Exp).

Poderíamos incluir uma última missão de combate: a de caça e destruição dos carros de combate inimigo, que em outros exércitos é realizada por equipes mistas de elementos de Engenharia e de Material Bélico por exigir especialistas em destruições (engenheiros de combate, equipes de MB tipo RGB e de desmancho de munições das Cia e Pel Dep Mun). Reconhecemos, entretanto, que esta missão pode ser desempenhada por qualquer elemento de combate que possua treinamento específico.

À guisa de uma conclusão parcial podemos dizer que o estudo realizado até o momento sob o enfoque doutrinário, ainda que sumário, parece nos apontar o Material Bélico como uma Arma de Apoio ao Combate, se adotado o mesmo critério pelo qual a Engenharia e as Comunicações são caracterizadas, isto é, pelo critério da ajuda operacional que prestam aos elementos de manobra (Combate).

Assim como as Comunicações proporcionam rapidez, segurança e confiança na transmissão de informações de combate e de decisões do Comando e a Engenharia aumenta o poder de combate das forças em campanha através da realização de trabalhos técnicos e de atividades logísticas, também o Material Bélico apoia as tropas combatentes realizando missões que afetam, diretamente, a operacionalidade de uma força, atuando sobre o material através de trabalhos de natureza técnica e no campo da logística. O apoio de Material Bélico faz-se sentir, ainda, pelo cumprimento de missões quando proporciona cobertura a tropas e instalações empregando a fumaça, quando limpa o campo de batalha de artefatos explosivos de retardo ou ao contrário, o interdita, por meio de operações RGB, e quando fornece informações e assistência técnica aos diversos comandos, Armas e Serviços. A atuação do Material Bélico é, pois, sentida, através da realização de trabalhos técnicos, tal como a arma de Engenharia, com a qual guarda grande similitude.

As missões de combate, a exemplo das demais Armas de Apoio, são executadas como tropa de Infantaria.

O Enfoque Psicossociológico

Inicialmente, cabe salientar que a maioria dos conceitos emitidos neste item resultaram de um trabalho que contou com a colaboração de diversos oficiais

instrutores do Curso de Material Bélico da EsAO e de outros oficiais de Material Bélico que tiveram por missão apresentar um PLANO DE CARREIRA DO OFICIAL ENGENHEIRO MILITAR/MB.

Dos estudos realizados com base no referido trabalho apresentamos este enfoque, tendo em vista o julgarmos de real valia no campo psicossociológico, por apresentar idéias ainda válidas presentemente.

Retornando à questão inicial, formulamos novamente a pergunta: o Material Bélico é Quadro, Arma ou Serviço? É certo que se trata apenas de uma opção que em nada modifica o mérito do assunto, vale dizer, a importância do Material Bélico para as Operações Militares. Sua organização, seu emprego, sua finalidade não serão menores com o nome com o qual venha a ser definitivamente consagrado. Se assim é quanto ao mérito, o mesmo não podemos dizer quanto à ressonância social da escolha. As palavras, como os fatos, têm às vezes uma representação intelectual ou suscitam uma imagem que não é a lógica nem a real, mas é todavia a roupagem com que atravessam as idades. São conhecidos em linguística os problemas de semântica. Por outro lado, a história que é o fato, o depoimento, tem contudo, a versão do sentimento do povo que a relata. E é assim, afinal, que devem ser considerados, dentro de uma perspectiva que se harmonize ao consenso da coletividade. É o que nos ensina o professor OTHON M. GARCIA em seu livro "COMUNICAÇÃO EM PROSA MODERNA".

Por outro lado, diríamos que cada uma das três palavras em pauta tem uma dimensão psicológica que pode e deve ser considerada. Dimensão que não surgiu gratuitamente mas que, ao contrário, foi uma decorrência de critérios oficiais e de tradição. Tal é o caso da palavra Serviço. Com ela representamos os elementos que prestam auxílio aos combatentes, mas que não são vistos como reais combatentes, numa profissão cuja razão de ser é o combate. Já aí se verifica uma hierarquia de valor que não pode e não deve ser subestimada. Há que se considerar, entretanto, à luz da lógica, que é muito difícil atualmente perceber o limiar entre quem é combatente e quem não o é.

É de se ver, portanto, que o problema se resolve em termos de critérios meramente pessoais. Critérios que encarnam as predisposições ou preconceitos de quem tem o poder de decidir.

Por sua vez, a palavra Arma para o militar, no sentido de designar uma subdivisão da Força Terrestre, tem o dom de despertar no homem o guerreiro existente de modo subconsciente em cada um, por lembrar feitos de vultos heróicos. Em resumo, o que na realidade existe é uma escala de preferência ou de valor entre Arma e Serviço, com uma dimensão psicossocial de todos conhecida. E não se diga que é suscetibilidade de latinos e particularmente de brasileiros que nos leva a ponderar. Já em 1964, em seu artigo VAMOS DINAMIZAR O SERVIÇO DE MATERIAL BÉLICO, publicado em o número de abril de A DEFESA NACIONAL, o então Ten Cel Togo Lobato, Oficial de Estado-Maior, realçando a importância psicológica da questão, conta que o Exército dos Estados Unidos viu-se obrigado a mudar o nome das Organizações de Recomeciamento, de Depósito para Batalhão, Com-

panhia e semelhantes. Isto aconteceu num país, que todos sabemos, de origem anglo-saxônica.

Finalmente, a palavra "quadro" nada desperta psicologicamente no homem, a não ser a sensação de "pertencer" a algo indefinido. A imagem mental criada é nebulosa.

É oportuno assinalar que a classificação das Forças Terrestres em Armas e Serviços tem, presentemente, muito mais de tradicionalismo do que mesmo de funcionalidade. Entretanto o mesmo critério operacional atualmente criado e válido em nosso Exército para classificar a Artilharia, a Engenharia e as Comunicações como Armas de apoio, cremos também se aplica ao Material Bélico. Salientamos que não nos move qualquer prevenção quanto a qualquer Arma ou Serviço do nosso Exército. Queremos apenas apresentar idéias e alinhar argumentos em favor do Material Bélico. Achamos que não há dificuldade em conciliar a idéia tradicional de Material Bélico com um corpo de oficiais e praças combatentes. A própria Lei 6.265 de 19 de novembro de 1975, que dispõe sobre o ensino do Exército, em suas Disposições Transitórias, confere aos oficiais de Material Bélico optantes pela linha bélica a condição de combatente, quando estabelece para os mesmos, as condições de acesso ao posto de General Combatente (Art 63, § 2º).

É lícito recordar, ainda, que dentre os diversos fatores que influem no "espírito de corpo", e mais particularmente no "moral", seja o de uma unidade; seja o de uma Força Terrestre, o psicológico é um dos mais importantes. Assim sendo, indubitavelmente, se há de conceder ao MATERIAL BÉLICO o título de ARMA DE APOIO AO COMBATE.

O PROBLEMA DA DOCTRINA

No presente trabalho vamos considerar doutrina como sendo "o conjunto de princípios e normas que servem de base a um sistema". No nosso caso, o sistema é o próprio apoio de Material Bélico consubstanciado na sua estrutura ou organização, missões, características de emprego, atividades e normas.

Atualmente a única doutrina de Material Bélico oficialmente existente em nosso Exército é a constante da Portaria 155, de 31 de outubro de 1962, publicada no Bol Res Nr 12 do Exército, que aprova o Esquema de Organização do Serviço de Material Bélico em campanha e estabelece as missões, fluxos de suprimentos e de manutenção e a mecânica de evacuação de salvados. Preconiza, ainda, a organização segundo o sistema de apoio logístico por "Serviços Técnicos" então adotada pelo nosso Exército. Entretanto, é uma doutrina já obsoleta e que não mais preenche as necessidades do nosso Exército.

Com a reorganização do Exército na década de setenta, o apoio logístico passou a se estruturar segundo o conceito de funcionalidade na prestação do apoio, sendo realizado através de unidades e elementos grupados por atividades funcionais.

Entretanto, até o presente momento, os manuais oficiais são omissos quanto a novas estruturas de Material Bélico e suas respectivas missões e finalidades.

As IP 100-5 — OPERAÇÕES e o novo C 100-10 (edição 1977) não abordam o assunto, a não ser indiretamente e de modo incompleto, quando tratam de algumas das atividades de Material Bélico. Quanto a este, não encontramos referência alguma.

O Departamento de Material Bélico e as suas Diretorias, particularmente as de Armamento e Munição e de Motomecanização, vêm estabelecendo uma doutrina comum para o Material Bélico. Entretanto é uma doutrina essencialmente voltada para o tempo de paz, portanto de caráter administrativo e que trata, apenas, de algumas das atividades afetas ao Material Bélico.

O Curso de Material Bélico da EsAO, para cumprir sua missão, vem tentando desenvolver uma doutrina para o Material Bélico, através da pesquisa a diversas fontes salientando-se entre elas as referentes ao Corpo de Material Bélico dos EEUU (Ordnance Corps), ao Serviço de Material do Exército Terrestre (Service du Matériel de l'Armée de Terre) do Exército Francês, e da leitura de trabalhos e artigos referentes ao desempenho do Material Bélico em outros exércitos até recentemente em confronto armado.

A orientação maior, entretanto, vem sendo buscada nas publicações da ECEME (Manuais e QO escolar) que nos fornecem não só as linhas gerais de uma futura doutrina de Material Bélico, como possibilitam manter a unidade de doutrina entre o oficial aperfeiçoado pela EsAO e o oficial de Estado-Maior das Grandes Unidades, tão necessária em campanha. No entanto, nas publicações da ECEME ainda notamos a distinção do Material Bélico em duas linhas nítidas: a de Motomecanização e a de Armamento e Munição, havendo poucas referências ao Material Bélico como um todo. As organizações de Material Bélico, pertencentes à estrutura preconizada nas publicações em tela tomam, normalmente, a designação de atividades logísticas, tais como as Unidades de Manutenção, que não identificam, necessariamente, a sua origem de Material Bélico, pois dizem respeito apenas a uma das suas atividades. Uma fração de Material Bélico, do tipo Batalhão ou Companhia, realiza outras atividades tão importantes quanto a manutenção, as quais se tornam desconhecidas do elemento apoiado, criando uma imagem incompleta das Unidades de Material Bélico. Não chegamos ao ponto de dizer que isto implique sérios prejuízos ao apoio de Material Bélico necessário ao elemento apoiado, mas a compreensão apenas parcial da verdadeira missão das unidades inibe o usuário quanto a tirar maior proveito das características do Material Bélico. Na prática, isto vem sendo constatado nas atualmente denominadas Cia Mnt de B Log, onde somente a manutenção e o suprimento são lembrados como missões. Naturalmente que estas são bastante importantes. Entretanto, os Oficiais e Sargentos daquela subunidade podem realizar, ainda, a assistência técnica de MB, reconhecimentos quanto às informações técnicas e controle de danos resultantes de bombardeios (particularmente quanto a RGB), entre outras missões próprias de MB. A alegação de que as companhias e batalhões são denominados de manutenção, depósito, parque, etc., porque

congregam em suas fileiras elementos de outras Armas ou baseadas numa tradição é falaciosa.

Os batalhões de Infantaria e os regimentos de Cavalaria, as unidades de Engenharia e Comunicações, todas as armas, enfim, têm em seus quadros elementos de outras Armas e Serviços, e nem por isso perdem suas características. As unidades de Infantaria, por exemplo, possuem em sua estrutura pelotões de Comunicações e de Saúde, além de um número também ponderável de elementos de Intendência, Engenharia e Material Bélico. Nem por isso deixam de ser da Arma de Infantaria. Por que então não se dar às Unidades de Material Bélico a correta designação? A dicotomia Motomecanização/Armamento e Munição findou com a criação do Curso de Material Bélico da AMAN. A própria EsMM, tão tradicional, teve a sua designação mudada para Es MB, para acompanhar a evolução advinda com a nova conceitualização de Material Bélico.

Outro ponto passível de um maior esclarecimento, tendo em vista a formulação de uma doutrina de emprego de MB, é o das conceitualizações de "Apoio ao Conjunto" e "Apoio Direto". O Emprego indiscriminado das duas expressões acima, tanto para designar uma forma de emprego como para identificar os 3º e 4º escalões de manutenção gera mal entendidos e discordância sobre o seu real significado. Ambos os escalões de manutenção pertencem à categoria de manutenção de campanha: o 3º escalão complementa a manutenção orgânica (2º escalão pertence às Unidades); o 4º escalão complementa o 3º escalão, fornecendo, portanto, apoio de manutenção às organizações de manutenção.

Entretanto, uma fração de MB com a missão geral de manutenção de 3º escalão não precisa, necessariamente, ser empregada em apoio direto (forma de emprego); um elemento de manutenção de 3º escalão poderá ser empregado, por exemplo, em apoio ao conjunto. Tal é o caso das atuais Companhias de Manutenção de Apoio Direto pertencentes aos Gpt Log Avançados e ao Recuado. A recíproca também é verdadeira. Por exemplo, uma Companhia de Manutenção de Apoio ao Conjunto (4º escalão) poderá ter elementos seus (Seções, equipes, etc. . .) em apoio direto a outro elemento de MB. A própria companhia poderá, ainda, prestar apoio suplementar. Da mesma maneira, nas Cia Mnt/Blg vamos encontrar problema semelhante quando do emprego de seus pelotões de Apoio Direto e de Apoio ao Conjunto. Fazendo-se uma comparação com outras Armas de Apoio, seria o mesmo que dizer Cia Eng Ap Dto, Bia Art Ap Cj, etc. . . isto é, estaríamos "a priori" estabelecendo uma forma de emprego que na verdade deverá surgir de um estudo de situação. Portanto, no entender do Curso de Material Bélico da EsAO, as expressões "apoio direto" e "apoio ao conjunto" somente devem ser empregadas quando se referirem a forma de emprego de uma fração de Material Bélico.

A indicação da categoria de manutenção (3º, 4º ou 5º escalões) deverá aparecer no rol das possibilidades e das missões das frações de MB, ou como um adendo explicativo nos símbolos, a exemplo da identificação das Unidades Bld, Mtz, etc. . . da Infantaria e da Cavalaria.

Nos itens anteriores tratamos de dois dos muitos problemas existentes quanto ao estabelecimento de uma doutrina para o MB em campanha. Vimos que há uma insuficiência de fontes que tratam do assunto em nosso Exército, bem como a utilização ainda de certa maneira incorreta de certos conceitos antigos que, com a evolução do Material Bélico, necessitam ser reformulados.

O Curso de Material Bélico da EsAO vem procurando desenvolver, desde 1976 até nossos dias, uma doutrina que se coadune com a nova organização do Exército e a nova doutrina de emprego da Força Terrestre brasileira, resultantes da reestruturação do nosso Exército. A doutrina de Material Bélico preconizada pelo CMB/EsAO tem visado, sobretudo, a atender às necessidades didáticas impostas pelo currículo da EsAO. Entretanto, achamos que a mesma possa ser utilizada, no mínimo, como ponto de partida para pesquisa mais profunda.

Baseado nos estudos acima, e para não nos tornarmos por demais extensos, apresentamos um rol de documentos, com a explicação sucinta de suas finalidades, nos quais está insêrida a doutrina de Material Bélico empregada no CMB/EsAO. Cabe fazer uma ressalva. Os documentos por uma questão de uniformização entre ECEME/EsAO e de disciplina intelectual, mantêm até o momento a nomenclatura constante do ME 100-10 (SAAEB) e dos QOEs da série 100.

NA 9-0-1: ORGANIZAÇÃO E EMPREGO DO MATERIAL BÉLICO

É o texto básico de Material Bélico. A nota de aula, à semelhança dos manuais básicos das Armas e dos Serviços, trata das características, missões, princípios gerais de emprego e situa o Material Bélico na estrutura do Exército Brasileiro, é uma nota voltada para o emprego do MB em campanha. Sendo o Material Bélico um elemento técnico, a nota aponta também, os princípios gerais da administração científica no que tange às missões de MB ao mesmo tempo que estabelece princípios de execução das atividades logísticas e de apoio ao combate. (RGB e Informações Técnicas).

NA 9-0-2: O BATALHÃO LOGÍSTICO

O estudo do Batalhão Logístico das Bda e DE, que é também um comando de Material Bélico, foi introduzido no CMB/EsAO como assunto prioritário, tendo em vista a ativação dos mesmos, e as diversas funções privativas de MB existentes no EM dessas Unidades. A nota de aula 9-0-2 O B Log vem cobrir uma lacuna doutrinária, baixando ao escalão unidade os princípios da nova organização do apoio logístico expressos nos manuais da ECEME e no C 100-10, edição 1977. A nota trata da organização, emprego tático das subunidades e do batalhão como um todo, nas situações de guerra convencional em A OC e na contraguerrilha, bem como estabelece princípios quanto aos movimentos, comunicações, PAR, reconhecimento e escolha de áreas de apoio logístico e outros. Quanto a esta nota, é interessante salientar que a mesma tem sido testada com o emprego de tropa (25º B Log Es e

2º B Log) e em exercícios do CMB Es AO, e tem respondido bem às diversas situações criadas. O interesse despertado pela nota, materializado pelos constantes pedidos dos nossos diversos B Log e da AMAN, obrigaram a EsAO a uma reedição do trabalho. No momento, todos os B Log possuem, no mínimo, uma das referidas notas, bem como os Cursos de MB e Intendência da AMAN.

PUB 9-5-1: SUPRIMENTO DE MATERIAL BÉLICO (C1 VII/IX)

É uma publicação essencialmente técnica. Na primeira parte trata das TÉCNICAS DE ADMINISTRAÇÃO (CIENTÍFICA) DO SUPRIMENTO; na segunda estuda o SISTEMA DE SUPRIMENTO do nosso Exército, da armazenagem até o consumo dos itens de MB pelos usuários, e na terceira explora a ADMINISTRAÇÃO DO SUPRIMENTO, em tempo de paz e em campanha. Com satisfação e justo orgulho, o Curso de Material Bélico da EsAO pode afirmar que diversas idéias e conceitos preconizados nesta publicação foram efetivados nas atuais NORMAS ADMINISTRATIVAS do DMB, no que tange aos suprimentos de MB.

NA 9-6-1: SUPRIMENTO C1 V EM CAMPANHA

Tem por finalidade tratar das atividades de remuniciamento e estocagem no TO, isto é, em campanha. É uma complementação do manual técnico T9-1903 Armazenamento, Conservação, Transporte e Destruição de Munições, Explosivos, e Artifícios — uma vez que este trata de modo mais específico e técnico das normas de suprimento e estocagem na ZI. A nota aponta, ainda, os princípios de emprego das frações de Material Bélico encarregadas das operações de remuniciamento em campanha, bem como as responsabilidades e funções dos Oficiais de Munição nos diversos escalões.

NA 9-0-7: SUPRIMENTO C1 III EM CAMPANHA

É uma nota ainda em teste, por se tratar de um assunto que pela primeira vez consta do currículo do CMB/EsAO. Como o próprio nome sugere, a nota estuda o Suprimento C1 III em campanha, com enfoque especial no SISTEMA INTERZONAL DE COL (SICOL), isto é, distribuição dos derivados de petróleo por meio de oleodutos e terminais terrestres. Em seus diversos capítulos trata dos fluxos de COL, da organização, missões e emprego dos elementos de MB encarregados de distribuir COL, do planejamento e do emprego de oleodutos de campanha, da segurança e do controle de qualidade. É uma primeira tentativa de esquematizar uma doutrina de Sup C1 III em campanha.

NA 9-0-3: O BATALHÃO DE MATERIAL BÉLICO (Mnt Ap Cj)

A Nota de Aula trata da organização, missão e emprego do Btl MB (Mnt Ap Cj) e das Companhias de Material Bélico (Mnt Ap Cj). O trabalho consolida pesquisa realizada durante os anos de 1977 e 1978 no âmbito de CMB/EsAO. É

uma nota que alia aspectos técnicos e operacionais de emprego do Batalhão (na manobra do Exército de campanha) enquadrado pelo Gpt Log Recuado.

NA 9-0-4: A COMPANHIA DE MATERIAL BÉLICO

É uma ampliação, particularmente das técnicas de Material Bélico, da matéria já existente na NA 9-0-2, o B Log. Trata não só das companhias pertencentes aos B Log como também das companhias dos grupamentos logísticos avançados (Cia Mnt Ap Dto). Embora o escalão não pertença ao nível EsAO, o curso se resente da falta de conhecimentos específicos por parte dos oficiais-alunos tendo em vista o tipo de formação a que foram submetidos na AMAN antes da reformulação da Lei do Ensino no Exército. Esta matéria futuramente deverá constar do currículo do C Prep da EsAO.

Suplementando e completando os documentos já assinalados, o CMB EsAO utiliza outras notas, publicações e livros didáticos de caráter mais técnico (Processamento de Dados — Estatística — Pesquisa Operacional, etc.), além dos manuais atualmente em uso no nosso Exército que tratam das Operações QBR (C3-5 e C3-50). Estes últimos estão sendo estudados com a finalidade de atualizá-los quanto aos aspectos operacionais.

CONCLUSÃO E SUGESTÕES

Decorrente do que expusemos nos tópicos anteriores, parece-nos que o problema da doutrina de MATERIAL BÉLICO inicia-se pela própria indefinição do que ele seja como uma subdivisão da Força Terrestre e o conseqüente desconhecimento de suas reais características, possibilidades e limitações. Urge, pois, inicialmente conceituar o MATERIAL BÉLICO como força terrestre.

A utilização errônea de certos conceitos tradicionais, referentes às atividades de MATERIAL BÉLICO, resultantes muitas vezes de traduções de emergência à época da II Guerra Mundial, cria certos embaraços quanto à verdadeira interpretação dos mesmos. Há necessidade de redefiní-los, tornando-os mais esclarecedores.

A inexistência de documentação oficial sobre o MATERIAL BÉLICO, particularmente no tocante ao seu emprego em campanha, cria uma imagem não de todo correta das suas missões, confundindo-as com as de tempo de paz ou mesmo com algumas de suas atividades.

Por isto é que encaramos com reserva as propostas que sugerem o desaparecimento do MATERIAL BÉLICO em prol de um Quadro de Logística. O apoio logístico é apenas uma das missões de Material Bélico.

Para se "maximizar poucos recursos" concordamos em que há necessidade de uma reformulação da estrutura de apoio logístico, ou mesmo do apoio administrativo, nos altos escalões, a fim de dar-se continuidade ao princípio da funcionalidade do apoio, mesmo porque isto já está prescrito no DL-200 — Reforma Admi-

nistrativa. Discordamos, no entanto, que isto implique a necessidade de acabar com Cursos de Formação da AMAN ou com outros quadros de oficiais e praças. Para resolver o problema da "linguagem e procedimentos logísticos comuns" não seria mais fácil e prático centralizar o ensino da logística nas diversas escolas? Evitaríamos com isto, inclusive, novos e angustiantes problemas de planos de carreira, entre outros. De qualquer maneira, sempre restaria o problema da especialização, mesmo para os oficiais. Mas como o nosso propósito maior não é a discussão desse assunto no presente trabalho, usamos estes argumentos apenas para mostrar, mais uma vez, que o Material Bélico ainda é desconhecido em nosso Exército. Entretanto, não consideramos o assunto como esgotado.

Os reflexos, de tudo que até o momento tem sido dito, fazem-se sentir na área do ensino militar bélico.

Neste campo há uma verdadeira lacuna entre o ensino de MATERIAL BÉLICO ministrado no CMB/EsAO e o realizado no próprio âmbito geral da EsAO e na ECEME. Na EsAO achamos haver necessidade de reformular alguns pontos dos currículos do C Prep de MB e da própria SECAS (Seção de Cooperação das Armas e dos Serviços). No caso do C Prep, com a finalidade de atualizar os oficiais de MB que optaram pela linha bélica. Quanto à SECAS, para que os elementos das Armas e dos Serviços que atuarão futuramente nos Estados-Maiores de unidades tenham conhecimento do apoio que poderão esperar do MB.

A lacuna do ensino, entretanto, não se reduz ao âmbito ECEME/EsAO. Ela existe também entre a AMAN e a EsAO. Naquela, os currículos exploram muito mais as técnicas, como deve acontecer numa escola de formação, porém, é a partir daí que se irradiam anualmente os novos oficiais de MB que irão mobilizar as Unidades da Arma. Há, portanto, necessidade de também na AMAN ser explorado em maior intensidade o emprego tático das frações básicas de MB.

Como sugestões, decorrentes das idéias apresentadas, apontamos:

No campo da Doutrina:

- Reconhecimento formal do Material Bélico como Arma de Apoio ao Combate, uma vez que tacitamente já o é, em virtude, inclusive, da legislação em vigor.
- Adotar a nomenclatura de Material Bélico para designar as unidades da Arma.
- Estudo dos conceitos de apoio de Material Bélico já existentes com vistas a atualizá-los.
- Adotar, provisoriamente e a título experimental, a doutrina preconizada pelo CMB/EsAO.

No campo do Ensino:

- Preencher a lacuna existente entre os três escalões básicos do ensino: AMAN/EsAO/ECEME.

- Introduzir o estudo do Material Bélico, como Arma de Apoio ao Combate, no ensino comum às Armas e aos Serviços na EsAO e na ECEME.
- Atualizar os currículos nas três escolas básicas.

Não nos estenderemos mais. Cremos ter dado aos nossos leitores uma visão rápida das missões do Material Bélico. Cremos também, como achamos ocorre com os leitores, que "não devemos ter medo das idéias, nem mesmo das idéias novas" como nos ensinou o insigne Marechal HUMBERTO DE ALENCAR CASTELLO BRANCO. Por isto apresentamos uma série delas à apreciação dos nossos leitores.

Notem ainda os leitores que ao longo desta dissertação não procuramos nos furtar às nossas responsabilidades jogando-as nos ombros de terceiros. Pelo contrário, tentamos, isto sim, apontá-las aos companheiros porque, se na paz vivemos na obscuridade, na guerra aparecemos porque ela é uma dura realidade. Nós "existimos". E porque existimos é que podemos dizer que "DO MATERIAL BÉLICO DEPENDERÁ A MOBILIDADE E A POTÊNCIA DE FOGO DOS EXÉRCITOS, SEM AS QUAIS ESTES SÃO INOPERANTES NA PAZ E SUICIDAS NA GUERRA".

BIBLIOGRAFIA

1. LOBATO, Togo, Ten Art QEMA. *Vamos Dinamizar o Serviço de Material Bélico*. A Defesa Nacional, abril de 1964. Rio de Janeiro.
2. MONTILLA PINTO, Dario, Ten Cel Cav QEMA, *Uma Política para o Serviço de Material Bélico*. Palestra proferida na Es AO. Rio de Janeiro, 1971.
3. GARCIA, Othon M *Comunicação em Prosa Moderna* — FGV e BIBLIEx, Editoras. Rio de Janeiro, 1969.
4. MEDEIROS, Waldeck Nery de, Maj MB QEMA. *Operações RGB*. Revista Militar Brasileira, Nr 1 e 2, jan a jun de 1977, C Doc Ex. Brasília-DF.
5. GIGANTE DE CASTRO, Carlos Alberto, e VILLANOVA, João Luiz de — Majores de Int QEMA. *Um Quadro de Logística para o Exército? A Defesa Nacional*, mar/abr 78. Rio de Janeiro.
6. IP 100-5 — OPERAÇÕES — EME.
7. C 100-10 APOIO ADMINISTRATIVO.
8. Lei 6.265 de 19 nov de 75 e Dec 77.919 de 25 jun 76 — Lei de Ensino e sua Regulamentação.
9. C 3-5 — OPERAÇÕES QBR e C 3-50 — O BATALHÃO E AS COMPANHIAS DE GUERRA QUÍMICA.
10. FM 9-1 — ORDNANCE SERVICE IN THE FIELD — USA.
11. FM 54-8 THE ADMINISTRATIVE SUPPORT THEATER ARMY (TASTA-70).
12. COL 109-3 — PSICOLOGIA E COL 109-4 — SOCIOLOGIA — ECEME.
13. NOTAS DE AULA-PUBLICAÇÕES E RELATÓRIOS DO CURSO DE MATERIAL BÉLICO DA Es AO.